This is an open-Access article Distributed under the terms of the Creative Commons Attribution Licence

DOI: 10.5216/rppoi.v19.68455
EDUCAÇÃO

SOBRE CORES, LÍNGUA E EDUCAÇÃO DECOLONIAL

ON COLORS, LANGUAGE AND DECOLONIAL EDUCATION

SOBRE COLORES, LENGUAJE Y EDUCACIÓN DECOLONIAL

Denis Carara de Abreu[1] – ORCID 0000-0001-9299-9242
Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida[2] – ORCID 0000-0002-6122-4038

RESUMO
O presente artigo é fruto de pesquisa bibliográfica e trabalha as questões relativas ao processo de colonização no Brasil, as formas estratégicas utilizadas pelo colonizador para gerar o apagamento das culturas Indígenas e Africanas, bem como da língua, como forma de imposição e dominação cultural. É um texto sobre memória, língua, cultura e educação. Sobre nossas raízes coloniais e o possível processo de decolonização de nossa configuração mental e linguística como educadores e educandos.
PALAVRAS CHAVE: Educação; Língua; Decolonização.

ABSTRACT
This article is the result of bibliographic research and works on issues related to the colonization process in Brazil, the strategic forms used by the colonizer to generate the erasure of Indigenous and African cultures, as well as language, as a form of imposition and cultural domination. It is a text about memory, language, culture and education. About our colonial roots and the possible process of decolonization of our mental and linguistic configuration as educators and students.
KEYWORDS: Education; Language; Decolonization.

RESUMEN
Este artículo es el resultado de una investigación bibliográfica y trabaja sobre temas relacionados con el proceso de colonización en Brasil, las formas estratégicas utilizadas por el colonizador para generar el borrado de las

[1] Professora na Universidade Federal de Catalão (UFCAT) - fabiolasartin@ufcat.edu.br
[2] Professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG) – deniscarara@gmail.com

culturas indígenas y africanas, así como el lenguaje, como forma de imposición y dominación cultural. Es un texto sobre la memoria, el lenguaje, la cultura y la educación. Sobre nuestras raíces coloniales y el posible proceso de descolonización de nuestra configuración mental y lingüística como educadores y estudiantes.
PALABRAS CLAVE: Educación; Lengua; Descolonización.

Data de submissão: 31/03/2021
Data de aceite: 03/09/2021

1. E furtem cores como camaleões. [3]



Esteve ali exposto. Em uma feira livre, uma obra. De arte. Do tipo *Batiki*. Feita de pano de cor viva e quente, contrastes e formas. Mas também, feita de diversidade, imagens e hábitos construídos por tudo que um povo pode lembrar e manter. Estava ali! Um povo negro com suas roupas. Com suas casas, suas regras e crenças. Uma riqueza em detalhes. Uma riqueza por dizer do que um povo é feito. Uma riqueza, que por ser riqueza, foi espoliada. Por isso não está mais ali. Nem na parede da exposição nem na realidade. Nem na parede ou na história. Apenas na retina de quem viu. Sim. É sobre memória este pequeno texto. É sobre riqueza. É sobre como espoliar riquezas.

Quando um navio parte de África não traz apenas braços para servir. Não apenas corpos de **rês**. Não apenas o lucro que dará. Junto vem desejos, sonhos, cultura e língua. Tudo tão líquido que se esvai pelos porões e descontrola o amontoado negreiro que chega ao cais. Tudo nos olhos acoados. Tudo no coração de banzo. Na língua seca da salgada travessia.

É... a riqueza veio junto. O **gado** fala. Se expressa. Chora e resiste. A canga que lhe é dada não se acomoda. O boi não teima. O negro sim. A riqueza se mostra. Então... deve ser apagada. Como lembra Eguimar Felício Chaveiro, "a batalha da vida é uma batalha de linguagem" (CHAVEIRO, 2019, p.334), e tão logo percebe o colonizador esta verdade, trata de separar os negros pelos diversos cantos para que a língua não os una. Primeiro movimento. Cirurgia iniciada.

Neste momento só ecoa medo pelas terras *Brasilis*. E quem não teria. Na senzala a solidão, saudade e dor. Mas o humano resiste no coração açoitado. A dor do outro é vista. É compartilhada. A senzala não é casa de um, mas de todos. E é ali que as narrativas se estendem pelo chão empoeirado. E elas são catadas da sujeira pelas subjetividades e vão compondo uma nova obra de arte. Não tão rica ou colorida. Mas tecida pelas histórias de dor. Cores não tão vivas, mas ainda quentes. Sentimentos são líquidos. Como tinta. E as pinceladas vão se dando no calor do dia e retocadas na abafada noite da peça escura que lhes serve de morada.

A "fronteira quase apagada entre o individual e o coletivo vai se mostrando" (MATOS, 2011, p.48). Os gestos tentam

[3] Os subtítulos deste texto foram extraídos do poema "Língua" do poeta e músico Caetano Veloso.

integrar os dialetos. As vozes que dizem de usos e crenças uivam pela noite, e uma nova memória, vai se construindo. Se a língua dizia e "encubava identidades" (MATOS, 2011, p.49) por certo, agora esta, vai tingindo um *Batiki* estranho, híbrido, de cores pasteis. Sem alegrias.

Na casa grande o problema é bem outro. Nada de dor. Só preocupação, com o Batiki que vai aparecendo e que insiste em manter traços de riqueza e cores indesejáveis. A acetona política seria capaz de fazer esta dominação, gerar este "apagamento, causar silêncio, mostrar o quanto inferior" este pano/*Batiki* possa ser (CHAVEIRO, 2019, p.336). Isto se torna urgente, preciso, como foi preciso navegar.

Políticas linguísticas e sócio histórias se colocam nas fileiras deste apagamento. Os de **cabelos crespos**, os descendentes de Canaã em sua diáspora, vão sendo alocados inclusive na casa grande. Jesuítas apoiam a escravidão e o engenho engenha a "mestiçagem linguística, um hibridismo lusitano" (SEVERO, 2019, p.224). Cantos e danças ganham espaços. Mais pinceladas no *Batiki*. **Meu sinhô..num báti im mim. Só num sei falá.. puque minha língua num tem R...** Inevitável. Inarredável. Como a cana plantada, nasce o dialeto Criolo. A mãe preta só conta histórias. "A mãe preta só ensina o filho do sinhô a falá". Só isso. (SEVERO, 2019, p.223)

Ao passo que a mestiçagem vai se projetando no tempo invisíveis vão ficando os limites de cada herança. O traço oriundo do sotaque, inflexão e entonação tingem na oralidade daquela nova língua a fina tinta que recobre origens. Por esta razão, por vezes, a captura destas origens só pode ser realizada quando na escrita. Porque ao simples dizer que se o caçula (*Kasule*), filho da mucama "*mkama*", que está cuidando da quitanda "*kitanda*" tirar um cochilo "*kuxilu*", irá apanhar na bunda "*mbunda*", não percebemos o Kimbundo, língua de Ambundo(Angola) ali, aportuguesada e pasteurizada através dos ventos da fala. (MINGAS, 2010, p.13) Sim, são marcas. E que vão se tornando sonoramente inaudíveis e nem mais associadas ao dialeto Criolo. É simplesmente o novo português.

Fora do engenho há outro expatriado. Este, de cabelos lisos, caçador e **feitor de roça**. Que tem na pele pintada um outro tipo de *Batiki* que conta histórias. Que também dança. Que também foi seu próprio rei. Agora, também não livre, nas mãos de Jesuítas que apoiam escravidão **só para negros** vivem sobre o jugo de um "Diretório" que lhe mostrará o caminho para o novo REY. Caminho sem volta onde será "persuadido a desterrar" todo e qualquer traço desta pintura "lastimosamente rústica e ignorante*"*. (DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS, 1755, p. 12) [4]

A estratégia está posta. Uma legislação feita sob encomenda. O plano (des)identitário está pronto. Segue a cirurgia. O senso de grupo será substituído pelo individualismo mercantil. Não mais falar sua própria língua, "renascido em jesus"! Não mais confundido com negro, "filho de Deus"! Agora vai poder: vestir-se a "proporção da qualidade de pessoas", "habitar casas à imitação dos brancos", casar com brancos, olha que glória! Vão roçar, vender e ganhar seu próprio dinheiro. E para arrematar, ter a felicidade de pagar seus mestres (brancos como Jesus) e recolher fiscos à Coroa. (DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS, 1755, p. 07)

Mas... nas terras de África também há colonialismo e há resistência. Há os Ambaquistas, **pretos de coração branco**. Que leem e que trocam a riqueza do colorido traçando a língua do colonizador com tinta preta em papel branco. Classe que vai ficando respeitada entre os seus (não

[4] O Diretório dos índios (1755) é um conjunto de orientações no período chamado Pombalino que visa orientar o colonizador contra a escravidão dos índios, bem como a inserção social indígena, mesmo que como "pessoas de segunda categoria", casamento entre colonos brancos e índios, substituição pela língua portuguesa, forma de recolher tributos, entre outras normatizações.

pelo branco). Que alcança postos de tradutores, escreventes, postos altos (não para o branco). Que ascende socialmente. Que escolhe a estratégia de aliar-se e que "se tornam intermediários culturais entre a língua nativa e a do colonizador" (HEINTZE, 2005, p.145).

Estes **Templários** de África mostram que há muitas formas de resistir. Pois há muitas formas de opressão além da força. Mas não só em África isto se deu. Aqui na colônia *Brasilis* também tivemos nossos Ambaquistas, como Luís Gama, advogado negro, que sabia escrever, com tinta preta em papel branco, petições abolicionistas. Deste modo, são diversos os matizes opressores que constituem hoje nossa memória social. Memória colonizada com raízes fundas como um Baobá gigante. Raízes que percorrem quilômetros no tempo. E que se encontram ainda em nossas mentes e corações, e por isso, em nossa fala, olhar e crítica. Não fomos colonizados um dia. "Somos todos os dias" (SEVERO, 2019, p.227). Exógena e endogenamente. Como o machismo, por vezes ainda mantido na mente feminina, mantemos os saltos das botas de Pombal inconscientemente a apertar nosso rosto contra o chão. Olhamos de lado. E louvamos reverência. Não repensamos ou debatemos. Não decolonizamos nosso espírito.

Não foram só os negros cativos ou indígenas que sofreram diretamente estas marcas de apagamento. Nós, da contemporaneidade, também estamos presos, cativos, **salvados** de nossa rusticidade. Pelo menos, assim acreditamos. E por acreditar, assim nos comportamos em texto e fala, e isto tece as cores de nossas atuais culturas, nossas memórias. Nosso "verbo trancado a uma textualidade hegemônica senta ao chão, ao lado da notória fuga de nossa consciência histórica" (CHAVEIRO, 2019, p. 17). A dominação colonizante nos acorda todas as manhãs. E a ela, dizemos mansamente bom dia. E assim é, porque falamos enquanto dormimos, dançamos quando estamos em silêncio ou cantando. Nosso "simbólico é tão infinito quanto nossa natureza humana" (CHAVEIRO, 2019, p.11), mas cremos num lugar de regras, de certo e errado, de preto no branco. De Europeu e de Latino!

Em verdade, o que há, são cores e matizes. Inúmeros matizes entre o preto e branco. Mas conviver com matizes é desestabilizante. O desconforto da não apropriação nos assombra. Queremos a língua culta, mas somos **paixonados** pela variação, contração, desregramento. A gente **comunica** mas julgamos a falta de Ss e pronomes do outro. Gostamos do calor do criativo, mas nos contentamos com o nosso texto morno e formal.

O agrário arrancar raízes é trabalhoso, sofrido e por vezes, impossível em sua totalidade. Mas o processo de construção de uma memória social não prescinde deste esforço. "Se ela é polissêmica e transversal" nos atravessa sempre (BAKHTIN, 1981, p. 47). Portanto, é neste esforço que nos damos conta de por onde andamos, o que não vimos em nós enquanto raízes e daninhas cresciam. É no parar para capinar histórias e narrativas que nos encontramos. Que nos comovemos. Que compreendemos que não há **Eu e Outro** quando somos parte, pingos e traços da mesma pintura que se impregna no tecido da história.

A decolonização do espírito é a enxada com a qual arrancamos léxicos de nossa linguagem, gestos de nossos corpos e faróis europeus do rumo de nossas naus, compreendendo que nossos mares latinos acadêmicos também são navegáveis, onde podemos aportar, e "produzir no presente uma maneira lúcida de pensar o passado em função de um futuro que se almeja" (GONDAR, 2005, p. 176). Mas o ponto que se coloca é: que futuro se almeja?

Não se trata de reconstruir passados. Nem velar riquezas. Não passa por julgar protagonistas de seus tempos, só eles estavam lá para saber. Não é um jogo de inventariar perdas e ganhos, pois nada se

perde. Trata-se sim, de olhar por lentes e espelhos fatos/estrelas pois, se é verdade que não mais lá estão, também o é que suas luzes nos alcançam. É ouvir narrativas como uma música polifônica onde apenas somando harmonia, melodia e intensidade que se tem o todo.

Como a obra de arte que ali na parede esteve, a memória social é esta associação de muitas vozes/histórias. É o esticar do pano para que os sentimentos, reminiscências e crítica pintem à gosto sua própria obra. Nosso pano, no entanto, não está em branco. Branco...a cor **vencedora**!. Embora já possua invisível tinta sócio histórica nele impregnada, tantas outras cores esperam para se juntar a ele minuto a minuto.... Partimos daí. Com as cores de nossa riqueza ocultas. Este o nosso Batiki.

2. E o recôncavo meu medo.

Mas do alto da favela/quilombo também é possível ver o mar. E ver o mar é ver rotas. Entradas e saídas. Por onde a mente navega junto ao *batuke* já não mais de banzo. O turista sobe as vielas para fazer *self*. Em caminhonetes safari registram, sorriem e acenam. Descem e dançam no zoológico de excêntricas espécies humanas. E depois vão, quando o chefe da milícia diz que é hora de recolher.

De outro lado, aquele que **já foi Rei**. De cara pintada, calção *Adidas*, chinelas Havaianas rasgadas, recebe o senhor da cidade para conversar. O trator da grilagem lhe empurra a alma para fora. Sangra e pinta seu *Batik*. Querem (re)demarcar onde seus ritos vão se dar. O senhor da cidade fala da fome mundial. Do agronegócio, do boi e da monocultura. O antes **Rei** da Amazônia não entende. Mas o trator segue fumegando.

Na fumaça da selva queimada e na fuligem da favela a riqueza vai perdendo cor. Vai perdendo a cara. Mas também, vai perdendo o medo! E esta é uma outra língua, a daquele que cansou de não **SER**! A linguagem dos sem medo arranha a tinta do *porsche* magnata. Do interfone do condomínio de madame. Do *rolex* do bacana descuidado. O globo gira e mostra suas fissuras. Escancaradas e abertas. Globalização é o verniz que as cobre.

A linguagem dos sem medo tem um nome branco. Crime.

O nome branco para isso tem uma cara, uma cor, um lugar onde vive. **Preto, pobre, favelado, bandido desde que é gerado!** Não são estes léxicos a esmo soltos ao vento. É comunicação. Representações de violência que se plantam com discursos linguísticos, com intencionalidade e estratégia. Uma contra educação implantada subliminarmente.

Porém, tão frágil é o verniz que, como a unha da madame, tem que ser sempre retocado. E o pincel que faz o serviço é meticulosamente manipulado. Ações **afirmativas** para que o jogo siga! E para que o jogo siga é preciso reafirmar as regras. O Legislativo branco faz a sua parte. O judiciário caucasiano as faz cumprir. Até aí nenhuma novidade. A não ser, a de que o branco pobre também vai descobrindo seu lugar na senzala. Em contraste com o branco médio que acha que pode jantar na casa grande.

Porém, para os **donos do jogo**, aqui ninguém é branco. Somos todos *cucaracha*. Nosso papel em *hollywood* é de chefe *narcu*s! Sub papel, sub gente, a quem se doa a inservível Cloroquina. Mas e os irmãos Europeus? Se preocupam! É verdade! Que acabemos com o pulmão mundial. Somos a melhor descrição de **recursos humanos**. Somos servíveis até não sermos. Aliados para sermos cafetões do cabaré.

O crime é produzido a partir de nós e não por nós. O crime é produto e produtor. Traficante viciado. O Estado se alimenta e se reproduz a partir dele. Possui a força do poder de punir. De dizer quem é quem. Quem não é ninguém. Do Estado parte a rajada no menino com guarda-chuva, no menino de mochila, no carro de um músico 80 tiros. Dele parte o descaso necrófilo. De políticas mortas para **gentes já mortas**. Da polícia que, para certa cor, vai "servir e

proteger" e apara outras... "vigiar e punir" (FOUCAULT, 1987. p. 288)

O sentimento colonial não abandona nosso olhar. Nosso salário social é saber que há alguém em pior lugar no navio negreiro. Nossa língua e nossa mente cultuam o erudito enquanto nossos pés ainda dançam na poeira do cativeiro. De posse de uma identidade desenhada somos mesmo rascunho feito **para não ser arte final**. E aceitamos este lugar. Sonhamos com um lugar melhor no porão. Este sentimento também gera violência. Não saber quem se é gera sangue. Por isso, somos "herdeiros de políticas se sangue" (Batista, 2012, p. 38).

A língua está por baixo das cores de cada cultura que se estabelece. Sim, a língua tem cor. Cor que não se apaga, que revela outras culturas. No entanto, se não podem ser apagadas, podem sim ser recobertas. E sendo recobertas, compõem uma nova textura. O tom **terra** de um povo é sempre um tom de marrom. E qualquer tom de marrom é feito de mistura de cores. A nossa é composta pelo preto, vermelho e branco (o último... a menor parte).

Portanto, é temerário à pequena parcela de branco, que o preto recôncavo ou o vermelho urucum sobressaiam. Ou, que tais línguas perambulem por aí feito alma penada. A língua de cor branca (minoria na mistura) mais que possuir forças (forças armadas) possui a força do convencimento, do subjugar, de fazer o vermelho e preto parecerem inferiores e ter lugar. A língua das sentenças penais garante isto. O lugar destes dialetos, são os porões dos presídios. (Apenas 15% dos presos são brancos no Brasil). São as covas na Amazônia grilada. Os guetos estreitos favela.

A morte não é hipótese para certas cores é iminência. A língua de cor branca, impõem a prática do não dizer. Não manifestar. Não reclamar do sal jogado na ferida. Nos olhos. Na alma. Mas. Imagine-se uma escola. Lugar onde apenas 20% tem direito a merenda. Como pensar que os **por cento** restantes em algum momento não irão se rebelar? Por isso, o esforço de abafamento é contínuo e interminável. Novamente o verniz. O verniz que recobre brilha! E por brilhar encobre. O brilho mídia faz a sua parte!

A boca amordaçada silencia não só idiomas. Garante o não surgir de identidades e agrupamentos. Mas há o sussurro. No dialeto de **quebrada**, na gíria dos **chegados**, no andar do **malandro**, no olhar que diz **este é dos meus**. Sussurro manifesto por Caetano Veloso quando raspa o verniz com a aspereza de sua língua na expressão*: "E deixe os Portuguais morrerem à míngua, Minha pátria é minha língua, Fala Mangueira*! (Poema Língua!)

Mangueira fala. Em prosa e versos estudados pelo mundo afora. Em lantejoulas carnaval. Em sorrisos teimosos ao chicote de viver. No trem lotado de honestos. No substituir o Estado onde este não tem **tempo** de estar. Na magia que surge do filho que **estudou**, que virou artista, atleta de renome. Que coloca a **quebrada** em outra dimensão. Fazendo surgir cores na TV, no rádio, no universo. Mas o brilho mídia... apenas noticia quando o dialeto aponta sua mira e diz: **perdeu *playboy*!**

A prática linguística deriva e determina *lócus* sociais. Esta é a violência que não aparece. Que não se discute. Mas que não é esquecida pois a ferida que surge dói. E a violência acaba se estendendo hereditária quando a mãe diz ao filho **não correr** se vir a polícia. Para sair bem vestido para nãos ser **confundido**. Para que, se puder, casar com um branco para **limpar a raça!** Discursos de trincheira. De dor que não quer para sua prole. De cansaço de resistir ao repuxo da maré. A língua desenha perfis. E a estes perfis é que são atribuídas as violências.

3. O que quer o que pode esta língua?

O tempo se esvai grão a grão e não há mais areia suficiente para perder-se o passo. É preciso recusar papéis em *hollyhood*. É preciso tirar a face do chão e olhar o **bem feitor** nos olhos. Impor nosso

silêncio se necessário, junto ao nosso não medo. Como uma tela a óleo que descasca e deixa antever o que abaixo estava pintado, descasquemos as tintas impostas e deixemos antever nosso *Batik.* Um bom lugar para esta ação é a academia. São as universidades.

O que há abaixo das tintas e do verniz de cada um de nós? O que pode nossa língua? A língua do matuto. Do miscigenado. Do aplacado. Do gênero. Do esquecido. Pode tudo que puder expressar! Porém, é preciso alguém com escuta e astrolábio. Narrativas são verdades e memórias, e as que importam, nos estão próximas. Sempre estiveram. Ouvi-las é entendermo-nos, reencontramo-nos, redefinirmo-nos. Não há o Outro e Eu. O que chamo de outro sou eu naquele outro ponto do porão. Na prática acadêmica uma grande aliada a esta escuta é a técnica de escrita de memoriais. As narrativas demonstram a multitemporalidade de nossas cores, dores e sorrisos. De nossas expectativas. De nosso SER quase em uníssono, "a escrita do memorial pressupõe uma narrativa em três tempos dando a ideia ao leitor de como foi, como é e como pretende ser." (ERBS; ABREU, 2020, p. 137)

Identidade ou identidades? Nascem do igual ou da diferença. Stuart Hall, entende assim:

> Outra coisa crítica sobre a identidade é que ela é em parte a relação entre você e o Outro. Somente quando há um Outro você pode saber quem você é. Descobrir este fato é descobrir e revelar toda a enorme história do nacionalismo e do racismo. (HALL, 2016, p. 323)

No entanto, e ousando discordar, entendemos aqui que, identidade não passa por conhecer o outro para, vendo a diferença, saber quem se é. Se olharmos por um outro ângulo não há realmente diferenças. Todos passamos a existência desejando estar perto do que gostamos e longe do que não gostamos. Somente isto! O tempo todo. Os diferentes modos de fazermos com que isto aconteça não nos torna diferentes. Não é a língua, o costume ou a cultura. Só há diferença no modo de atingir e manter o Gosto/Não gosto.

Se entendermos esta displasia identitária. Se compreendemos que o conceito de diferente é uma criação e não uma realidade, estaremos perto de compreender o ninho da serpente. Onde surge este ovo hereditário de conflitos e delusões. E é aqui que Língua e Violência se encontram. Nascem gêmeas, crescem e se impõem! A maior parcela de todos os conflitos globais passa pela Língua. Pela crença no **não igual**, no superior, no mais meritoso. Lugar de crença onde a religião se farta em banquete pseudo ético.

Deste modo, quando falamos de violência, apagamento, escravidão / servidão, colonizante / colonizado, estamos falando de línguas que verticalizam culturas umas sobre as outras. Que não traduzem o seu querer, mostram os ferros e o lugar onde pô-los. Sim. A língua, assim como o Estado, tem sido a grande matriz de todo ato que espolia riquezas. Que **furta cores.** Que, utilizando a crença do diferente, mostra que há diferentes que devem ser tratados como menores. Como não dignos. Como não credores do **paraíso**. Bem como, que todos são iguais perante a lei, mas uns... são mais iguais que outros.

Foi a língua e sua imposição que trouxeram braços negros às terras dos **Reis** pintados de urucum. Que ensinaram latim e os **Cristianizaram**. Os ensinaram (já que inservíveis ao trabalho forçado) a serem quase brancos, viver em sociedade (aos moldes brancos) e pagar tributos. Foi na língua do navegador que espelhos foram presenteados. Que nomes foram dados. Batismos de almas e almas falam uma só língua. O negro bicho tem novo nome e o indígena gente, também.

Deste modo, é preciso ter em mente, que é impossível rever nossa história sem

ver páginas de sangue. A cronologia histórica nacional se pauta pela **Resistência**, mas esta, é batizada. Tem nome branco. Por isso, estudamos: **revoltas**, **rebeliões**, **insurreições**. A língua traduz o lado pelo qual devemos olhar os fatos. E é na linguagem do **vencedor** que os livros serão escritos. Portanto, é possível dizer que antes de haver a violência entre povos, há a violência da Língua. Esta carrega a ficcional ideia de nação. E esta, a de identidade.

Mas, antes de haver uma nação comum há uma linguagem comum que se estabelece. E é esta que dá a silhueta de que aqueles **uns** são semelhantes. E a prova é que estes se entendem, se comunicam, compõem estratégias, juntos trabalham e lutam. Lutam contra o **diferente** e este, é aquele que não fala sua língua. Nasce uma identidade, o **inimigo**! A dominação pressupõe uma seleção linguística.

Sabemos que cada povo dominante na história impôs sua Língua. Sabemos narrar como o Egito, a Mesopotâmia, Roma e Inglaterra, a exemplo, fizeram. A língua é um *ávit*. Moeda de troca. Moeda de cunhar jugos. E fazemos este jogo todo o dia quando privilegiamos a chamada língua culta ou **polida**, seja na linguagem dos juristas, dos políticos e principalmente, em textos acadêmicos. Deste modo, decolonizar-se de uma língua é decolonizar uma orientação mental de credo. E nesta esteira, saber que língua e violência são irmãs xifópagas, talvez nos auxilie.

A naturalidade com que usamos termos como: Bugre ou índio (para o indígena), Mulata (filhote de cavalo com a mula), doméstica (aquele que precisou ser domesticado), tribo (algo não civilizado), denegrir, mercado negro, lista negra, não sou tuas negas, vamos jogar a negra, denota como o brilho do verniz nos faz NÃO VER. Naturaliza a violência como algo supostamente intrínseco. Banal.

Ainda dizemos e exigimos a Língua culta! Como educandos ou como educadores! Partilhamos a violência da seletividade linguística. Texto acadêmico sinônimo de língua culta! Dizemos que alguém é culto ou não. Mas como assim **inculto**? Língua culta quer dizer que traz em si uma cultura. E *sendo* "a cultura humana um sistema de significação e uma de suas funções universalmente admitidas é ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os homens" (BAUMAN, 2012, p. 141), não há língua que não contenha uma cultura! E mais, o que hoje chamamos de língua culta, nada mais é do que a resultante de mistos de línguas (como Kimbundo ou Tupi + português a exemplo...), outrora chamada de língua do Criolo.

Então, significa que continuamos a dizer que certas culturas são inferiores? É já um processo inconsciente. Ou então, substituímos a expressão por **língua padrão**, ou seja, partindo de um segmento social privilegiado, "tratar-se ia daquilo que é normal, recorrente, comum na expressão linguística desses seguimentos". (FARACO, 2007, p. 34). Mas nós, privilegiados, que expressões realmente usamos em nosso dia-a-dia? Muito bem, por outro aspecto, se língua padrão, for a coletânea dos *lexos* que são usados cotidianamente por seres de certa cultura, então, a nossa língua padrão é bem outra...

Se possuímos na academia esta exigência, devemos também saber que ao certificarmos em nossos textos mornos, requintados, militarizados, **ditos pela boca de outros para mostrar referencial**, pouco criativos e contributivos, que em assim fazer, falhamos comunicativamente com quem deveria ser o destinatário de nossa produção. Se este destinatário necessita leitura, referências e vocabulário prévios para nos entender, de quem é realmente a falha? Particularmente, a *mea culpa*, tem sido nossa companheira ultimamente.

Ensino, pesquisa e extensão. Nosso tripé acadêmico. No entanto, nos parece naturalizado que apenas a extensão deva tocar a comunidade. Nosso ensino e pesquisa pode seguir sendo para uma elite

intelectual. Disse certo profeta: a quem muito é dado muito será cobrado. Sim. Carregamos o chicote colonizante com certo orgulho. Este orgulho nos faz parecer mais. Como já dito, em um lugar melhor no porão do navio.

Desejamos **SER** e escrevemos então, como o nobre e não como plebeu. Há um pragmatismo forçado e auto imposto, posto que, a polidez nas abordagens clássicas, "tendem a dar a ideia de que a impolidez é um tipo de falha pragmática, uma consequência de não se fazer algo, ou meramente um comportamento anormal, indigno de consideração" (CULPEPER, 2011, p.6). E nós queremos ser considerados.

Dadas as circunstâncias, na academia, acabamos sendo sem perceber o **capitão do mato**, que se acha o mediador entre o senhor e o escravo. Isto faz não nos parecermos escravos. Mas temos que escrever de forma **culta** para que o senhor nos entenda e respeite na eurocêntrica academia. A comunicação burocrática impede o diálogo, cria distâncias com seu legítimo receptor e torna-se, mais que tudo, "senhas de passe" acadêmicas ou "crifras fragmentadas de uma textualidade insossa e sem criatividade". (CHAVEIRO, 2019, p.342).

Distamos quase um século da semana de arte moderna quando este assunto, ora abordado, ganhou voz. Um século. E ainda não tivemos **tempo** para nos encontrarmos enquanto **mesmos**. Desta forma, não nos parece anacrônico ruminar este tema. É preciso sermos! Nos colocarmos de pé! Dizer de nós.

Deste modo, esta Latino América reprodução ***miojo*** de um imperialismo eurocêntrico, ou ainda esta *América Latina em pó* (Caetanos Veloso – poema Língua) há de rever seu lugar de fala. E este, é o mesmo para qualquer de nossas pautas. Ou seja, nós latinos, enunciamos nossa mente a partir dos navios de degredados europeus, escravistas africanos ou ainda, das plantações de mandioca queimadas. Entendamos! É somente UM o lugar de fala, de enunciação, de reconhecimento. Posto que, os **sub lugares** enunciativos dos porões são marcados apenas "pelas hierarquias raciais, de classe, gênero, sexuais etc. que incidem sobre o corpo" (COSTA, 2016, p.2) e, portanto, acabam por fazerem a mesma desventurosa viajem.

Há **UM** só *loci* enunciativo na Latino América pois comungamos das mesmas heranças e sujeições. De cosmovisões semelhantes. Possuímos mais conexões do que por hora descobrimos. Em uma perspectiva decolonial acabamos por entender que não há uma só contemporaneidade, como também, nunca houve uma só modernidade ou medievo. Sempre houveram universos e vivências paralelas e perpendiculares. Estas últimas, resultaram sempre em conflitos. Somos pós colonizados. Cada um a seu modo foi espoliado, subjugado e menosprezado. E a prova disso é que a dores resultantes destas ações não precisam ser explicadas entre nós. Sabemos como nos sentimos. Mas ainda, precisam os povos colonizados conversar e transformar diálogos em políticas.

Do ponto de vista jurídico e político a pauta seria a equanimidade, o justo e a pluralidade epistêmica. A restituição da fala a quem se subtraiu a voz. A valorização (e não a desqualificação) por ser diverso, pluri, multi. Não precisamos para isso escavar raízes, mas sim, traçar rotas de fuga. Fuga de nosso próprio modo de pensar, agir e concordar com a cabeça. Em regra, quem causa o problema deve resolvê-lo. Neste caso, não podemos contar com isso. Somos marrons como a terra que habitamos. São três cores pelo menos com o poder de produção de conhecimento e alternativas. Esta a nossa força.

Será no momento em que pararmos de dizer que: a mocinha branca de olhos azuis não pode assumir um lugar de fala a partir de África, que hétero não pode compreender as angústias Lgbtqia+, que o homem não tem como sentir as opressões do

gênero oposto, que teremos avançado e nos afastado das divisões auto impostas. Dividir para conquistar é a meta imperialista, colonial. Somos gente. E gente sente. Animais sentem. Florestas sentem. Todos os seres sencientes sabem o que é sofrer. Ponto. É herança colonizante pensarmos que uma sub pauta possa ser mais relevante que outra.

Deixar de usar expressões indignas, respeitar o diverso, militar por causas sociais diversas, dar voz a quem não tem, são ações necessárias, mas de certa simplicidade. Decolonizar o pensamento. Esta sim, a tarefa mais complexa. Descrer no panteão eurocêntrico imposto. Crer que possa haver mais do que lampejos de inteligência em Latino América. Acreditar que qualquer produção científica só serve se puder ser agente de transformação humana. Que as histórias e vivências que nos rodeiam são as que mais nos podem transformar, exige humildade e vontade de ser mais que um capitão do mato.

Isto nos faz ver que o que "o mais distintivo no pós-colonialismo será a capacidade de fazer uma releitura da colonização" (Hall, 2003, p. 109). Da nossa auto colonização. Auto rebaixamento. Auto (des) afirmação. Navegar é preciso e para isto, será preciso projetos políticos, éticos e educacionais. Projetos que, a partir de um discurso descentrado, revele a diáspora e a expropriação, (re)signifique nossa ideia de nação. Somos uma só nau contendo gente, cores, histórias e sentimentos. A pergunta a fazer é: esta nau ganhará mares globais ou ficará no cais latino onde as ondas quebram e onde tudo começou?

Nosso *Batike* jaz rupestremente pintado com sentimentos e sonhos. É nossa vela neste navegar. Que ela infle e nos mostre caminhos. Que possamos aprender sem banzo do passado. Sem divisões e ranços de futuro. Com acolhimento. Sem a vontade de impor, pois sabemos da dor do desrespeito. Sabemos. Portanto, e não nos esqueçamos.... *de tudo o que pode uma língua*!

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BATISTA, Vera Malaguti. **Adesão Subjetiva à Barbárie**. In Loïc Wacquant e a Questão Penal no Capitalismo Neoliberal. _____ (org.). Rio de Janeiro: Revan, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Porque o mundo é possível: A batalha de linguagem nas sociedades mundializadas. **Revista ENTRELETRAS** (Araguaína), v.10, n.2/ jul/dez. 2019 (ISSN 2179-3948-online) https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras. Acesso em 02 mar. 2021.

COSTA, J. B.; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 15–24, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077. Acesso em: 7 jul. 2021.

ERBS, Rita Tatiana Cardoso e ABREU, Denis Carara de. Sobre o dito e o não dito: pontes sobre tempos e histórias. In: ERBS, Rita Tatiana Cardoso e ARAÚJO, Juliana Pereira de. **O humano na pesquisa (auto) biográfica:** diversidades de contextos e experiências. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020. p. 137-151.

FARACO, Carlos Alberto. **A relevância social da linguística: linguagem teoria e ensino/** Carlos Alberto Faraco... [et al.] ; organização Djane Antonicci Correia. São

Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GONDAR, Jô. **O que é memória social?** Jô Gondar e Vera Dodebei (orgs). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais, p. 101-131. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina (Trad). Etnicidade: identidade e diferença. **Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 11, n. 2, p. 317-327, jul./dez. 2016. Disponível em: DOI: http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v11e22016317-327. Acesso em: 15 maio 2021.

HEINTZE, Beatrix. A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial. Um contributo para a sua história e compreensão na actualidade. **Cadernos de Estudos Africanos**, 7/8 -2005. Disponível em: http://journals.openedition.org/cea/1361. Acesso em 02 mar. 2021.

MATOS, Lúcia Helena Lopes de. A língua e o conhecimento: um passeio pela memória. **e-f@bulations: e-journal of children's literature.** Porto: Filomena Vasconcelos; Biblioteca Digital da FLUP, 4; Junho/2021.

MINGAS, Amélia Arlete. A língua como fator de identidade e identização. In: COSTA, Edil Silva; LOPES, Norma da Silva; CASTRO, Yeda Pessoa de. **Acolhendo as línguas africanas** – segundo momento. Salvador: EDUNEB, 2010.

SANTOS, Boavetura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**, p. 23-72. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SEVERO, C. G. Línguas e heranças africanas no Brasil: articulando política linguística e sócio-história. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2018. DOI: 10.25189/rabralin.v17i2.483. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/483. Acesso em: 2 jul. 2021.

SEVERO, C. G..; SASSUCO, D. P..; BERNARDO, E. P. J. . Português e línguas bantu na educação angolana: da diversidade como "problema". **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 43, p. 290–307, 2019. DOI: 10.20396/lil.v0i43.8658374. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8658374. Acesso em: 7 jul. 2021.

VELOSO, Caetano Emanuel Viana Teles. **Poema Língua**. Disponível em: http://notaterapia.com.br. Acesso em 02 mar. 2021.